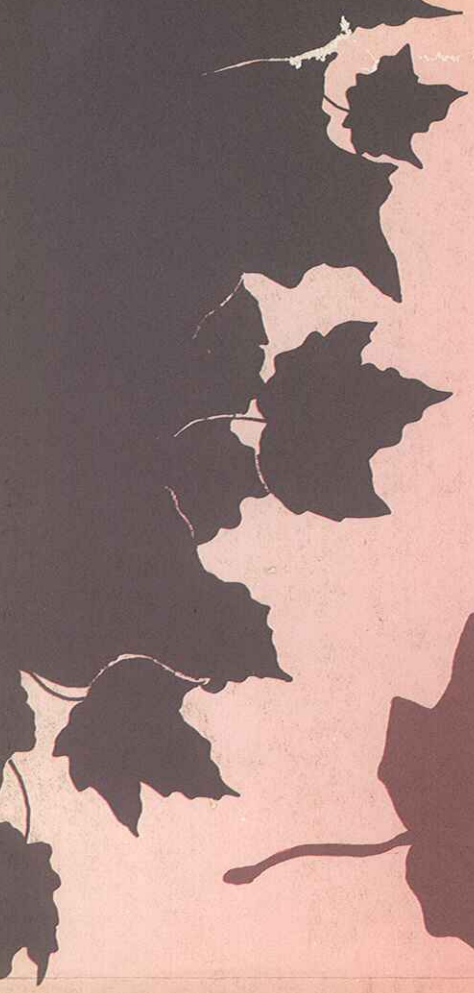




Maturidade Cristã



Em Marcha
Série • Volume V

Maturidade Cristã

Copyright - Imprensa Metodista
1ª Edição: abril de 1969
2ª Edição: janeiro de 1981

00530 2da. impressão de Junho de 1981
Vol. 2, número 1, páginas 130-131
Impresso na Imprensa Metodista

Copyright – Imprensa Metodista
1ª Edição: abril de 1990
2ª Edição: janeiro de 1991

Secretário Executivo Editorial
Clóvis Pinto Castro

Coordenador de Currículo e Autoria
Warren Candler Wofford

Departamento de Arte

Coordenação: *Juciene Carrapeiro*
Composição: *Maria Zélia Firmino de Sá*
Arte Final: *Ana Maria Goes*
Revisão: *Cristina Paixão Lopes*

Impresso na Imprensa Metodista
Av. Senador Vergueiro, 1301
09750 São Bernardo do Campo – SP

A P R E S E N T A Ç Ã O

Quinze estudos aguardam seu grupo para estimular o crescimento na fé. Estes estudos são oportunos para uma Igreja que tem como tema para o Quadrênio “Uma Igreja a Caminho da Maturidade”.

Nestes estudos você encontrará:

- O objetivo de cada estudo.
- Uma palavra de explicação sobre a razão de ser e a importância deste estudo na vitória da fé.
- A relação dos textos bíblicos que fundamentam o estudo.
- Subsídios, perguntas, sugestões e orientações para estimular o próprio grupo a encontrar luz para o caminho na sua jornada de fé.

Que estes estudos sejam úteis para um povo caminhando na direção da maturidade cristã.

Warren C. Wofford

Auto-estima, SIM; Egoísmo, NÃO

Objetivo deste estudo

Examinar alguns textos bíblicos que ajudem a desenvolver a auto-estima e a valorização como pessoas criadas à imagem divina, sem caminhar na direção do egoísmo, do orgulho ou do senso de superioridade.

Por que este estudo?

Muitas pessoas estão debilitadas na sua vida espiritual porque perderam de vista o fato de que foram criadas à imagem divina. Não têm auto-estima e não sabem valorizar-se como pessoas humanas. Consequentemente, não valorizam outras pessoas.

Por outro lado, alguns caminham na direção oposta, do egoísmo e do orgulho, julgando-se superiores aos demais. O estudo dos textos bíblicos aponta para o perfeito equilíbrio que se encontra na vida de Jesus Cristo.

Textos bíblicos: Gn 1.26-31, 9.1-6; Sl 8; Fp 2.5-11.

Leia com bastante atenção Gn 1.26-31.

- Como o grupo entende os versículos 26 e 27? O que significa ser criado à imagem de Deus?
- Em que sentido somos semelhantes a Deus? Em nossa aparência física? Em poder? Em inteligência? No direito de mandar? Na capacidade de amar e ser amado? Na capacidade de pensar e decidir?
- Ser semelhante a Deus significa ser idêntico a Deus ou igual a Ele?
- Em que nos diferenciamos dos animais e das outras coisas do mundo criado?
- Como este texto valoriza a pessoa humana? Você se sente valorizado ao meditar sobre este texto?
- Em nossa sociedade, hoje, todas as pessoas são valorizadas como seres humanos criados à imagem divina?
- Note bem no versículo 27 que **ambos**, homem e mulher, foram criados à imagem de Deus. A sociedade moderna assumiu essa total igualdade? A mulher é respeitada em todos os aspectos da vida na sociedade? E na Igreja?

- O versículo 28 focaliza o ser humano como um tipo de administrador ou encarregado de cuidar das coisas boas que Deus criou. Que valorização da pessoa humana! Que confiança Deus depositou em nós! Pergunta-se: O ser humano corresponde a essa grande responsabilidade? Cuida bem da terra? Quais os problemas ecológicos que resultaram do descuido do ser humano? Como recuperar este papel divino de guardador e responsável pelo mundo criado? Como reverter o processo de abuso da natureza? Se fomos criados à imagem de Deus devemos ter a capacidade de cuidar dessa terra?

Leia Gn 9.1-6.

O primeiro texto de Gn 1.26-31 fala de uma era dourada em que seres humanos viviam em perfeita harmonia com os animais e a natureza. O alimento era composto de ervas e o dos frutos das árvores e plantas. Não se matava animais para o alimento. Porém, neste texto de Gn 9.1-6 essa era dourada terminou. Os versos 2-4 falam de carne como alimento – mas com a reserva de não beber o sangue, tido como a própria vida. Contudo, o importante é notar que, embora fosse permitido matar animais, era rigorosamente proibido matar um ser humano. A justificativa se encontra no versículo 6. Matar um ser humano é matar uma parte do próprio Deus, já que as pessoas foram criadas à sua imagem. Vamos levar este raciocínio um pouco mais longe. Negar a alguém, hoje, o direito a uma habitação decente seria o mesmo que negar moradia a Deus? Pagar um salário indecente a um trabalhador seria o mesmo que lesar ao próprio Deus seu ganho justo? Negar condições de saúde a um pobre seria negar isso ao próprio Deus? Expulsar um índio de sua terra ancestral, seria a mesma coisa que tirar de Deus o seu próprio terreno? Trocar idéias sobre isso com o grupo.

Leia Sl 8 com bastante atenção. Este texto é uma expressão poética da idéia fundamental de Gn 1.26-31.

Versículos 1-2

Falam da grandeza de Deus.

Versículos 3-4

Apontam para o contraste entre a grandeza de Deus e o ser humano, um mero grãozinho na vastidão do cosmo.

Versículos 5-8

Embora o ser humano seja tão pequeno em comparação com a vastidão do cosmo, Deus achou por bem reservar-lhe um lugar de destaque no plano da criação. Feito um pouco menor que Deus, o ser humano tem a responsabilidade de agir em Seu nome, dominar e cuidar do mundo criado.

- Hoje em dia as pessoas estão cumprindo essa tarefa tão digna? Correspondem a essa confiança? Estão administrando bem a ordem criada? Seja qual for a resposta, per-

manece o fato de que Deus valorizou, e muito, o ser humano. Você se sente valorizado enquanto ser criado “um pouco menor que Deus”? Valoriza as outras pessoas que também foram criadas à imagem divina?

- Quantas pessoas sofrem complexos hoje! Quantas perderam sua auto-estima! Quantas não tomam conhecimento de sua dignidade enquanto pessoa humana! Quais são algumas injustiças e males da sociedade moderna que roubam a dignidade da pessoa humana? O que podemos fazer para recuperar essa sublime valorização, tão bem retratada em Gn 1.26-31 e Sl 8?

O outro lado.

Até aqui, os textos bíblicos focalizam um ponto fundamental – VOCÊ É IMPORTANTE.

Sem dúvida, alguns precisam desta mensagem para recuperar seu auto-respeito e sua dignidade. E aqueles que erraram e caíram no outro extremo? E aqueles que são orgulhosos, egoístas e que pensam ser superiores aos outros, imaginando-se em pé de igualdade com o próprio Deus? Como evitar este erro de orgulho e engrandecimento pessoal?

Fp 2.5-11

Este texto apresenta uma orientação sábia. Leia-o com atenção.

Este texto mostra a maneira com que a Igreja primitiva lembrou do Senhor Jesus. Ele tinha tudo pelo que se orgulhar. Ele tinha todos os direitos e privilégios da glória. Ninguém tinha mais elementos para sentir-se superior e em posição de vantagem sobre os demais. Porém seu sentimento foi outro. Confira nos versículos 5-8. Aquele que tinha tudo abriu mão do que possuía para tornar-se um servo. Mas este esvaziamento não deixou Jesus sem nada e empobrecido. Veja o resultado nos versículos 9-11. Eis o resultado positivo de uma completa obediência à vontade de Deus. Eis a sugestão para um perfeito equilíbrio, o sentimento de Cristo Jesus.

Valorizados que somos como filhos e filhas de Deus, este reconhecimento não nos levará a um espírito de orgulho ou egoísmo, procurando nossa própria promoção pessoal. Como filhos e filhas de Deus seremos motivados a servir aos outros e estaremos juntos com todos em solidariedade, pois todos, indistintamente, são criados à imagem divina e “um pouco menores que Deus”.

Considerar estes pontos repartindo com o grupo:

- Neste momento de sua jornada espiritual, de qual lembrete você mais necessitava – a lembrança que você é filho/a de Deus, portanto uma pessoa de infinito valor, ou a advertência de não se engrandecer demais e não focalizar sua atenção apenas em torno dos seus próprios interesses?

- Como os textos estudados podem te ajudar hoje a encontrar uma orientação segura para sua vida e seu crescimento espiritual?
- Se alguém estiver fora do movimento DONS e MINISTÉRIOS alegando que não tem capacidade ou valor para realizar algo em nome de Deus, como podem os textos em **Gn 1.26-31** e **Sl 8** ajudá-lo?
- Se alguém na igreja prefere um sistema de disputas de cargos eleitos e quer buscar vitórias nas eleições para sua promoção pessoal, como pode o texto em **Fp 2.5-11** ajudá-lo?

Solidário, SIM; Solitário, NÃO

Objetivo deste estudo

Examinar alguns textos bíblicos que ajudem a aceitar nossa responsabilidade individual na vivência da fé e ao mesmo tempo focalizar o aspecto solidário da fé cristã.

Por quê este estudo?

Hoje em dia, muitos querem fugir de suas responsabilidades pessoais. Cada um deve lembrar que ele, e só ele, responderá por suas próprias obrigações. Mas o cristianismo não é uma religião solitária. Precisa ser solidária. Neste mundo de egoísmo e individualismo, este estudo torna-se oportuno pois focaliza os dois lados da mesma moeda – responsabilidade pessoal e ajuda mútua; cada um levando sua própria carga e todos levando as cargas dos outros. É o que nosso mundo conturbado de hoje precisa.

Textos bíblicos: **Gl 6.1-5; I Co 10.12, 32-33; II Co 12.7-10; Rm 15.30; Cl 4.3.**

Uma contradição?

Parece que **Gl 6.2** e **6.5** expressam idéias opostas. Num primeiro momento os cristãos são orientados a levar as cargas uns dos outros. Em seguida vem o lembrete de que cada um precisa levar seu próprio fardo, isto é, cuidar de suas próprias responsabilidades. Leiamos **Gl 6.1-5** com bastante atenção para verificar que esta contradição não existe. O que realmente existe é complementação. Vejamos.

O cristão é chamado a uma responsabilidade individual e pessoal. Ele, e somente ele, responderá, perante Deus, por seus atos e atitudes. Mas este cristão não é solitário na sua jornada de fé. Ele é chamado a ser **solidário** e nunca solitário. Vejamos no texto bíblico como isso funciona.

Versículo 1

O que acontece na comunidade de fé quando alguém cai num erro? Os outros ficam de lado, sem qualquer interesse ou participação no caso? Em absoluto! O texto fala em corrigir o faltoso. Os tradutores afirmam que o verbo traduzido como "corrigir" tem o sentido de restaurar, consertar, colocar de novo em funcionamento. A recomendação do texto é que este processo de correção seja feito com espírito de brandura. A

finalidade da correção não é condenar, punir ou castigar o faltoso, mas restaurar a pessoa à comunidade; dar-lhe condições para funcionar novamente dentro da família dos fiéis.

Versículo 2

Aqui temos a sugestão de que a lei de Cristo exige solidariedade. Quando alguém está carregando o peso da culpa, condenação e remorso, não precisa de mais peso sobre suas costas.

Ele precisa é de um ato de solidariedade. Alguém que o ajude a carregar o peso que está espremendo a sua vida.

Pergunta-se: Como está a disciplina eclesialística em nossa igreja local? Qual a nossa atitude para com um irmão ou uma irmã que comete uma falta? Afastamento desta pessoa? Indiferença em relação ao fato? Condenação? Julgamento? Insistência na punição, ou castigo? Pensamentos como: "Bem feito! Pecou, pagou!". O compartilhar do peso visando a recuperação da pessoa? Fazer o possível para restaurar a pessoa à comunidade dos fiéis?

Paulo, que aconselhou as pessoas a carregarem as cargas umas das outras, também sabia que cada pessoa precisava carregar certos pesos sozinho. Ele mesmo o confessou em II Co 12.7-10. Num certo sentido, este espinho na carne era dele e ninguém poderia carregar este peso em seu lugar. Daí a afirmação em Gl 6.5, de que cada um levará o seu próprio fardo.

Mas não há contradição entre Gl 6.2 e 6.5. É verdade que cada um precisa andar sobre suas próprias pernas nesta jornada de fé. Somos indivíduos responsáveis, como indica o versículo 5. Mas isto não é um convite a uma vida solitária na fé. Somos desafiados a sermos **solidários**. Justamente pelo fato de cada um ter pesos e responsabilidades que precisa carregar é que devemos ser sensíveis aos outros e ajudá-los a levar suas cargas.

Em I Co 10.32-33 Paulo explica o que tal sensibilidade significa. O cristão deve estar disposto a limitar sua própria liberdade, se tal limitação vier a beneficiar o outro em sua jornada espiritual. Reconhecendo que cada um tem cargas pesadas para carregar, não é bom colocar mais tropeços ou outras dificuldades em seu caminho. O verdadeiro espírito de Cristo está em procurar os interesses do outro e não concentrar apenas nos próprios direitos e privilégios.

● Lembrar, na classe, um exemplo de alguém que limitou sua própria liberdade ou conveniência para não ser um tropeço aos outros.

Outro motivo para sermos solidários. Nós mesmos podemos cair e certamente naquela hora gostaríamos de ter alguém compreensivo ao nosso lado, a quem pudéssemos dar a mão. I Co 10.12 é um lembrete oportuno para qualquer um. Um dia poderemos estar ao lado de alguém que caiu em uma falta na sua jornada de fé; outro mo-

mento pode ser bem diferente – nós mesmos podemos cair e precisar de alguém solidário para nos animar, corrigir, encorajar e colocar novamente no caminho certo.

O mesmo Paulo que reconheceu que teria de suportar seu espinho na carne, também contou com as orações dos fiéis para poder continuar sua jornada de fé. Confira em Rm 15.30 e Cl 4.3.

● O Ministério da oração está funcionando em sua igreja local? Como este Ministério pode vivenciar o significado da solidariedade e ajudar os outros a carregarem suas responsabilidades? Como enriquecer e fortalecer este ministério tão importante?

Versículos 3-4

Aqui temos exemplos negativos. A pessoa que se julga superior (falsamente) não está em condições de ajudar o outro. Para realmente ser solidário e ajudar a levar as cargas dos outros, é preciso produzir frutos positivos e não tentar se promover com palavras vazias em torno de façanhas pessoais. As pessoas que realmente têm motivo para se orgulhar, aquelas que podem "contar vantagens" em torno de contribuições positivas, geralmente nem pensam nisso. Elas não estão presas aos seus próprios interesses, portanto são livres para ajudar aos outros. Com responsabilidade e dignidade carregam seus próprios fardos e cumprem seus deveres e tarefas; além disso ajudam e incentivam os outros. Isso é solidariedade!

Duas ilustrações para ajudar seu grupo na compreensão da responsabilidade pessoal e auxílio mútuo:

Já notaram como as aves migratórias voam juntas e em formato de V? Conseguem cobrir grandes distâncias e atravessam mares onde não podem parar para descansar. Cientistas descobriram que este formato em V não é por acaso. Nesta formação as correntes de ar formadas pelas batidas das asas, ajudam todas as aves no grupo. Todas trabalham e todas são beneficiadas. Também há rodízio nas posições, sendo que a ave na ponta da formação recebe menos benefícios. Calcula-se que há uma economia de até 70% de energia por causa desta solidariedade. Assim é na comunidade da fé – cada um tem sua responsabilidade pessoal e individual, mas todos se ajudam na tarefa comum.

Um residente do Norte do Brasil conta experiências em torno da luta diária para buscar água para o uso em casa. As pessoas andam vários quilômetros para transportar a água do poço até a casa. É preciso aproveitar o máximo e levar quanta água puder. Além de utilizar os braços e as mãos, carregam vasilhames de água na cabeça. Só que a pessoa dificilmente consegue encher todos os vasilhames e ajeitar os mesmos para a viagem de volta. Se alguém ajudar, é possível transportar mais. Sem a ajuda de uma segunda pessoa, derrama-se muita água na tentativa de colocar o vasilhame na cabeça. Por isso, cada pessoa ajuda a outra a acertar suas cargas, porém cada uma leva sua própria carga.

- Como essas duas ilustrações ajudam seu grupo a entender melhor a complementação entre Gl 6.2 e 6.5?
- Na sua igreja local existe um ambiente favorável para que cada pessoa desenvolva sua responsabilidade pessoal? Existe um espírito de solidariedade em que todos compartilham das cargas uns dos outros? Se existir este ambiente favorável, que exemplos concretos o grupo pode enumerar? Se não existir, o que pode ser feito para se promover este ambiente positivo?

Dependência/Independência – Uma Tensão Constante

Objetivo deste estudo

Examinar textos bíblicos que demonstrem a tensão existente entre a dependência de Deus e nossas possibilidades como seres humanos de uma ação autônoma e independente.

O por quê deste estudo

Num mundo tecnológico, é fácil esquecer nossa dependência de Deus, nosso Criador. Muitos pensam que é possível dispensar a Deus e confiar em nossas capacidades científicas para resolver tudo. Por outro lado, há aqueles que enfrentam tantas frustrações e derrotas que chegam ao ponto de pensar que não são capazes de realizar coisa alguma. Tornam-se dependentes dos outros ou de Deus, abdicando de seu direito e sua responsabilidade de ser humano criado à imagem divina. O estudo sugere uma tensão criativa em que a pessoa mantenha aquela dependência sadia do Criador, exercendo, ao mesmo tempo, a autonomia concedida pelo Espírito, para desenvolver sua capacidade de decisão e ação com responsabilidade e dignidade, utilizando seu potencial humano.

Textos bíblicos: Fp 4.13; II Co 12.7-10; Jr 6.11-24 e 8.22-23.

Fp 4.13

Podemos classificar as pessoas em três grupos diferentes: 1. Aquelas que negam suas possibilidades de ação, que sofrem complexos e não realizam seu potencial. Estas pessoas lamentam “Não posso; Não consigo fazer coisa alguma”. 2. Aquelas que superestimam suas possibilidades, pensando que são capazes de tudo. Dizem “Tudo posso”. Sonham alto demais e tentam realizar projetos grandiosos, confiando somente em si. Estes sonhos não se fundamentam no realismo e o resultado final é a frustração, a decepção e a derrota. 3. Aquelas que mantêm sua fé em Deus reconhecendo a necessidade de buscar forças divinas. Estas pessoas reconhecem sua dependência, de Deus e procuram sua ajuda em tudo. Ao mesmo tempo que afirmam esta dependência exercem sua própria independência aceitando a responsabilidade pessoal de filho/filha de Deus.

Não cometem o erro de lamentar “Não posso fazer coisa alguma”, nem a tolice de clamar em orgulho e egoísmo: “Tudo posso”. Descobriram o equilíbrio sadio que Paulo menciona neste versículo e testemunham desta verdade: “Tudo posso em Cristo que me fortalece”.

O contexto desta afirmação de Paulo é a expressão da gratidão por uma oferta de amor enviada pelos filipenses (veja **Fp 4.10-20**). O apóstolo não apenas registra um simples “Muito obrigado” para cumprir as exigências sociais. Ele explica que sua alegria nasce do fato de ter sido lembrado por estes fiéis. Ele não se contenta em deixar a oferta no simples nível de atendimento a alguém necessitado. Nos **versículos 11 e 12** ele afirma que sua felicidade não depende de uma situação financeira folgada. Paulo afirma que se contenta com muito ou com pouco. O segredo não está no fato de Paulo ser um tipo de super-homem dotado de poderes especiais de resistência. O segredo está no **versículo 13**. Paulo não consegue isso apenas com suas próprias forças, mas fortalecido por Cristo e em Cristo.

É claro que há participação humana. Paulo não ficou de braços cruzados esperando uma força mágica vinda de outro mundo. Como ser humano, lutou e enfrentou os altos e baixos da vida diária, buscando em Cristo a força para vencer nestas condições.

Para fazer no grupo

- Compartilhar uma experiência em que você ou alguém do seu relacionamento tenha tentado enfrentar um momento difícil na vida, mas se sentiu derrotado, porque forças humanas não eram suficientes para vencer.
- Compartilhar uma outra experiência em que você ou alguém do seu relacionamento tenha enfrentado uma situação difícil e encontrou em Cristo as forças para vencer.

II Co 12.7-10

Leia com atenção este relato que dá uma idéia bem íntima e humana daquilo que se passava na vida do Apóstolo Paulo. Com base no texto, troque idéias e responda estas perguntas:

- Como Paulo encarou seu problema? Com resignação? Com impaciência e clamando por uma solução? Como uma bênção divina para seu desenvolvimento espiritual? Como um mal necessário? Como uma provação vinda da parte de Satanás?
- Paulo venceu seu problema? Se respondeu SIM, quais as forças utilizadas para conseguir essa vitória? Se respondeu NÃO, como se explica o fato de sua derrota. Como um homem de tamanha fé poderia continuar com uma oração não-atendida?
- Comentar com seus/suas colegas a afirmação “Minha graça te basta”. Esta frase fala de uma completa dependência de Deus? Fala de uma completa independência do ser humano para traçar e controlar seu destino? Reconhece a dependência do ser huma-

no em relação a Deus e ainda deixa um espaço para o exercício do esforço humano e da responsabilidade pessoal?

- Levantar no grupo experiências de pessoas em que a situação humana tenha sido quase insuportável, mas que recebeu nesta experiência difícil a afirmação de Jesus: “Minha graça te basta”.

Jz 6.11-24

O chamamento de Gideão. Leia com bastante atenção o texto e troque idéias no grupo sobre os seguintes pontos:

- De acordo com o texto, de onde veio a força que sustentou Gideão? De seu treinamento pessoal? Da promessa de que Deus estaria com ele? De sua linhagem real? Do número de tropas à sua disposição? De sua dedicação a Deus e à missão?
- Gideão contribuiu com uma parte do esforço ou dependia de Deus para fazer tudo?
- Por que Gideão não poderia depender completamente de sua capacidade de liderança, de sua estratégia e de seus homens bem disciplinados? Por que tinha que depender de Deus também?

Jz 8.22-23

Examine este texto no grupo e troque idéias sobre estes pontos:

- A atitude de Gideão é comum hoje em dia? O grupo se lembra de casos onde heróis populares recusaram o poder a despeito da sua alta conceituação no meio do povo? O grupo pode citar casos opostos em que “líderes” queriam, de qualquer maneira, assumir o poder, mesmo sem qualquer respaldo popular ou aceitação do povo?
- Voltando nossa atenção para as três possíveis classificações mencionadas no início deste texto, em que grupo você colocaria Gideão? 1. “Não posso fazer nada”. 2. “Tudo posso”. 3. “Tudo posso, porque Deus está me ajudando”.
- A qual grupo você pertence? Em que Ministério você está trabalhando em Cristo que o fortalece?

Objetivo deste estudo

Examinar alguns textos bíblicos em que Jesus fala das exigências do discipulado. Oferecer subsídios para a compreensão do significado de perder a vida em torno da causa de Cristo e salvá-la no processo. Lançar um desafio para a vivência da fé cristã em dedicação total à causa de Cristo.

O por quê deste estudo

Há diversas reações em torno da colocação de Jesus a respeito de perder e encontrar a vida. Alguns nem querem saber de “perder” a vida. Pensam que é preciso fazer justamente o contrário; isto é, fazer o possível para proteger, promover e valorizar a vida da melhor maneira possível. Geralmente, os adeptos desta filosofia fazem de tudo para se autovalorizarem e se autopromoverem. Não tomam conhecimento da afirmação de Jesus, pois acham que é visionária e ingênua. Outros não a levam a sério, dizendo que a idéia é poética e “espiritual”, mas não funciona na vida real. Outros afirmam que a Psicologia moderna diz que devemos nos valorizar, e que a negação do EU poderia anular nossa personalidade, provocando sérios problemas emocionais.

O estudo é oportuno, pois sugere que uma dedicação completa à causa de Cristo (perder a vida na causa de Cristo) não conduz à anulação da personalidade; pelo contrário, é a maneira mais certa de conseguir uma realização pessoal e significativa. É o verdadeiro caminho para “salvar a vida”.

Textos bíblicos: Mt 16.21-26, Mt 27.40-42, Mc 8.7, Lc 9.24, Lc 18.18-23.

Mt 16.21-26

Este texto vem imediatamente após a confissão de Pedro. Jesus havia levantado a questão “Quem diz o povo ser o Filho do Homem?” Logo em seguida focalizou a pergunta de forma mais personalizada: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” Em resposta, Pedro afirma a inspiradora confissão de fé: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” Jesus elogiou essa percepção, dizendo que foi uma revelação divina e não uma mera conclusão da mente humana.

Todavia, Jesus introduziu um outro tema – um assunto grave, deixando os discípulos perplexos e apreensivos. Jesus levantou as dificuldades inerentes ao discipulado e chamou atenção para o fato de que o sofrimento e o sacrifício o aguardavam num futuro próximo. Jesus queria definir bem as coisas. Ser o Messias prometido significaria para ele o caminho do sacrifício e da morte na cruz. Não significaria um trono, com poderes e privilégios ilimitados; Jesus seria o Messias nos moldes do Servo sofredor que Isaías visualizou. (Confira essa imagem em **Is 52 e 53**.) Ser um discípulo desse Messias não significa ocupar os melhores lugares no Reino. O discipulado cristão exige um espírito de sacrifício e abnegação. Examinemos o texto em si.

Leia com atenção **Mt 16.21-26**.

Versículo 21

Por que seria necessário que Jesus desse este tipo de orientação aos seus seguidores? É uma orientação fácil e agradável de aceitar? O discípulo de Jesus hoje precisa deste tipo de orientação?

Versículo 22

Qual foi a reação de Pedro? Como se explica tal reação?

Versículo 23

Palavras fortes as de Jesus! Em que sentido Pedro se colocou como Satanás naquele momento? Trocar idéias sobre este ponto: O que significa pensar as coisas de Deus e o que significa pensar as coisas dos homens? Dê exemplos no grupo.

Versículo 24-25

Em que sentido é possível negar-se a si mesmo sem anular a personalidade humana?

Jesus chamou seus seguidores para viverem uma vida enclausurada, afastada do mundo, onde o corpo é mutilado, diminuído e ignorado, ou desafiou as pessoas a viverem a missão desenvolvendo todos os aspectos de sua personalidade e alcançando uma plena realização?

Versículo 26

Este versículo dá uma orientação de como avaliar corretamente a questão de lucros e perdas. Considere estes exemplos:

- Qual a vantagem de obter o prazer de exagerar na comida se essa “vitória” nos custará a saúde? Neste caso, o que se ganhou? O que se perdeu? O resultado foi comensurador?

- Qual a vantagem de passar momentos diferentes e exóticos sob a influência de drogas, se tais experiências nos levam a uma dependência e eventual escravidão das mesmas? O que se perdeu? O que se ganhou?

Troque idéias no grupo sobre outros exemplos que os membros poderiam levantar.

Neste mesmo contexto, Jesus abriu o jogo e deixou bem claro que o discipulado tinha um preço. Para seguir o mestre, os discípulos tinham que “perder” algumas coisas. Mas essa “perda” não deixou o seguidor empobrecido e vazio. Era preciso “perder” várias coisas para poder “ganhar” outras.

E os fiéis dos séculos são unânimes em confessar: aquilo que se perde para poder participar da missão de Deus como seguidor de Jesus não é nada em comparação com aquilo que se ganha. Cristo nos chama a uma vida de abnegação e serviço sacrificial, mas essa vivência da fé não nos deixa vazios e roubados de nossa humanidade; pelo contrário, esta “perda” é mais um esvaziamento de coisas superfúas e frívolas, dando lugar às coisas que enriquecem e valorizam nossa personalidade.

O caso do jovem rico vem à mente (**Lc 18.18-23**).

Leia com atenção e responda em grupos:

- O que Jesus queria que este jovem perdesse?
- Se o jovem tivesse perdido o que Jesus recomendava, o que teria salvo ou ganhado com isso?
- Na opinião do grupo, por que o jovem não aceitou o desafio de Jesus?

Voltemos ao estudo de **Mt 16.22-23** e apliquemos o ensinamento no caso deste jovem rico. Em que sentido o jovem rico cogitava as coisas dos homens em detrimento das coisas de Deus?

Para considerar individualmente e no grupo

- Quais as exigências que o discipulado impõe hoje?
- Você tem dificuldade em aceitar ou assumir uma ou outra dessas exigências?
- O que Cristo está te convidando a perder? O que Ele promete aos seus seguidores fiéis? Entre as perdas e os ganhos, há saldo positivo ou negativo? Vale a pena “perder a vida pela causa de Cristo”? Se não perdermos a vida na causa de Cristo, onde corremos o risco de perdê-la?

Para fazer no grupo

Colocar em suas próprias palavras o texto em **Mt 16.24-25**.

Espiritualidade, SIM; Religiosidade, NÃO.

Objetivo deste estudo

Examinar alguns textos bíblicos como subsídios para diferenciar entre a verdadeira espiritualidade, tão vital para a vivência da fé, e uma religiosidade superficial e vazia.

O porquê deste estudo

O ser humano gosta de ter sinais externos e palpáveis como base para sua fé, (rituais, confissões, cânticos, manifestações de poder ou milagres, assembleias, rotina religiosa). As formas externas (religiosidade), na expressão da fé nos dão uma segurança da real existência daquilo que confessamos e professamos. Mas existe o perigo de focalizar apenas as expressões externas da fé sem cuidar da parte interna (espiritualidade), que é fundamental. O estudo oferece subsídios para diferenciar entre uma religiosidade vazia e inoperante (embora seja mais visível e evidente) e uma espiritualidade genuína capaz de nos sustentar na jornada de fé. Nesta época de tanta religiosidade e tão pouca espiritualidade, o estudo é oportuno.

Textos bíblicos: Ex 20.4-6; Dt 10.1-5; Is 58.1-14; Lc 18.9-14.

Considerar esta pergunta: Quem é mais espiritual, aquele que jejua ou aquele que não jejua? Antes de responder, examinemos um texto do profeta Isaías:

Is 58.1-14

Leia o texto com bastante atenção.

Versículo 1

O que o profeta é chamado a fazer em relação ao povo?

Versículo 2

Como caracterizar este povo – cheio de pecados de imoralidade e crimes abertos ou um povo que pratica as observações externas de uma religião?

Versículo 3

Neste versículo o povo reclama que Deus não dá a devida atenção aos seus esforços e não presta atenção aos seus atos de fé. A parte final do versículo explica essa aparente "insensibilidade" de Deus. Qual a explicação?

Versículo 4

Se o povo praticar os exercícios externos da religião (a religiosidade) sem cuidar da parte essencial, isto é, as atitudes e as ações da fé (a espiritualidade), que resultado se pode esperar, de acordo com a parte final do versículo? Corremos o risco hoje de focalizar os atos externos (a religiosidade) sem cuidar das atitudes e do espírito interno (a espiritualidade)? Troque idéias sobre isso no grupo.

Versículos 5-7

Se o povo tem errado na sua prática da fé, estes versículos apontam para o caminho certo. Que tipo de prática é aceitável para o Senhor? Que tipo de trabalho os ministros deveriam desenvolver dentro de uma igreja local? Que práticas seriam mera religiosidade e que práticas representariam a verdadeira espiritualidade que é agradável ao Senhor?

Versículos 8-14

Quais as bênçãos inerentes a uma verdadeira prática da fé (espiritualidade)? Jesus reservou suas críticas mais pesadas e suas advertências mais fortes àqueles que se preocupavam somente com a religiosidade sem buscar a verdadeira espiritualidade. Os fariseus estavam na mira de Jesus porque enfatizavam as práticas externas da religião (a religiosidade) sem se preocuparem com o verdadeiro espírito da lei de Deus (a espiritualidade). Jesus focalizou o problema em uma parábola (Lc 18.9-14). Leia com atenção a parábola. Com base no texto, troque idéias no grupo sobre os contrastes sugeridos pela parábola:

A religiosidade	A espiritualidade
Faz questão de mostrar atos e práticas que possam "comprovar" seu valor.	Reconhece o supremo valor em Deus.
Procura a auto-promoção.	Procura discernir e fazer a vontade de Deus.
Tenta comparar seu desempenho e seus exercícios externos com os demais e tenta demonstrar sua superioridade.	Reconhece a necessidade de sempre buscar a Deus para colocar sua vida interna em alinhamento com a vontade de Deus.

Critica os outros e encontra falhas em sua religião.	Percebe suas próprias falhas e pede perdão a Deus.
Orgulha-se das suas obras religiosas.	Humildemente procura fazer a vontade de Deus.
Procura impressionar os outros com suas virtudes e suas obras.	Impressiona-se com a misericórdia de Deus.
Faz suas orações para um auditório humano.	Dirige suas orações a Deus.
Consegue muitos sinais externos da prática da fé, mas nenhuma honestidade interna.	Embora demonstre poucos sinais externos, existe uma completa sinceridade interna.
Procura melhorar sua imagem perante seus semelhantes.	Procurar estabelecer um relacionamento honesto e sincero com Deus.

O povo de Deus é desafiado a procurar uma verdadeira espiritualidade. Observando o segundo mandamento em Ex 20.4-6, encontramos a proibição de fazer imagens ou representações em esculturas ou ídolos. Este mandamento reconhecia o perigo de substituir uma fé verdadeira por atos externos. A tentação seria de focalizar os aspectos externos das imagens, realizar exercícios ou rituais em torno de estátuas ou ídolos, sem cuidar dos aspectos internos da fé, tais como discernir a vontade de Deus e ordenar as atitudes e as ações de acordo com ela.

Mas tudo isso quer dizer que o povo de Deus não deve praticar a fé através de atos externos e visíveis? Em absoluto! O mesmo povo que recebeu ordens expressas de não fazer imagens, estátuas e ídolos, recebeu a cobertura e a orientação divina para fazer uma arca e tratá-la com grande respeito e honra. Essa arca ocupou um lugar de destaque na vida religiosa do povo. Essa arca servia para guardar as tábuas da lei. Como tal, foi objeto de muitas manifestações externas do povo e seu relacionamento com Deus (Dt 10.1-5).

Como, então, diferenciar entre práticas externas de religiosidade e expressões sinceras de fé que constituem a verdadeira espiritualidade?

Troque idéias no grupo sobre estes pontos que servirão de subsídios para distinguir entre religiosidade e espiritualidade:

- A espiritualidade tem a ver com nossas atitudes, nossos motivos e as ações que os mesmos produzem.
- A religiosidade tenta esconder ou disfarçar a realidade interna através de atos públicos que dão a impressão de dedicação a uma causa, quando na realidade não há compromisso.

Com base nesta distinção, o povo de Deus pode ter seus atos externos de fé, como os antigos tinham sua arca, **SE** as práticas externas refletirem realmente uma dedicação interna e um compromisso sério com Deus e sua causa. Mas se o povo começar a exibir os atos externos na tentativa de desviar a atenção de uma falta no cumprimento da vontade de Deus, a religiosidade toma o lugar da verdadeira espiritualidade, e o resultado é desastroso.

O Desafio

O desafio para o cristão de hoje é procurar a verdadeira espiritualidade sem cair no vazio da religiosidade. O cristão é desafiado a orar, mas não em vãs repetições para ser ouvido e notado por outros. É chamado a jejuar, mas não para provar uma superioridade espiritual. É convidado a ler a Bíblia, mas não para se orgulhar de sua capacidade de citar versículos ou para utilizar passagens para ganhar dos outros em argumentos. É chamado a ser membro assíduo e ativo de uma igreja, mas não para sua auto-promoção ou por vanglória. É desafiado a praticar todos os atos de piedade, mas não para se colocar sobre seu semelhante ou para condená-lo por não acompanhar este ritmo de religiosidade. O cristão é desafiado a praticar a fé e a participar de todos esses exercícios espirituais porque tem um compromisso sério com a vontade de Deus e procura fazer sua vontade com todo o seu ser. Nisso está a verdadeira espiritualidade.

Entusiasmo, SIM; Fanatismo, NÃO.

O objetivo deste estudo

Examinar alguns textos bíblicos que fornecem subsídios para distinguir entre um fanatismo irracional e um entusiasmo sadio e verdadeiro em torno da fé.

O por quê deste estudo

Observa-se, hoje, uma reclamação geral: as Igrejas mais tradicionais são frias, falta-lhes vigor, entusiasmo, vida. As mesmas pessoas que criticam as Igrejas tradicionais afirmam que os únicos grupos que apresentam entusiasmo e movimento são aqueles fanáticos na sua expressão da fé. Então, parece que é preciso escolher entre um ambiente frio e moribundo e um ambiente de movimentação fanática, onde as emoções sobressaem e a razão não tem lugar.

O estudo tenta mostrar que o cristianismo verdadeiro é uma expressão vibrante e entusiasta da nossa alegria no Senhor, sem cair num fanatismo irracional. Neste movimento de proliferação de grupos e seitas que chamam atenção sobre si, e crescem na base do fanatismo irracional, este estudo é oportuno.

Textos bíblicos: At 26.1-32 e II Sm 6.12-19.

Fanatismo ou Entusiasmo?

II Sm 6.12-19

Leia este texto com bastante atenção.

Às vezes, para um observador de fora, um comportamento é classificado como puro fanatismo, quando aquele que está por dentro classifica a ação como um entusiasmo natural em torno de uma causa empolgante.

Davi estava envolvido em um ato significativo para ele e para o povo. Identificar os versículos neste texto que demonstram o grande entusiasmo que Davi e o povo tinham em torno deste momento, quando a arca foi trazida da casa de Obede-Edom e conduzida a Jerusalém.

No mesmo texto, identifique os versículos que mostram que Mical, a esposa de Davi, não compartilhava deste entusiasmo. Como observadora de fora, ela achava que o comportamento de Davi era mais fanatismo do que verdadeiro entusiasmo.

No Novo Testamento temos um outro exemplo de alguém de fora e alguém de dentro com opiniões divergentes.

Agripa era observador de fora e avaliava a experiência de Paulo como fanática. Paulo, dentro da fé cristã, caracterizou-se como alguém com um entusiasmo razoável e equilibrado, levando a sério a sua fé.

Leia o texto At 26.1-32 com atenção.

Versículos 2-3

Agripa (da casa de Herodes) tinha uma herança judaica, embora fosse leal aos romanos por questões políticas. Por que Paulo estava contente em apresentar seu caso a Agripa?

Versículos 4-7

Paulo estranha o fato de ser acusado pelos judeus. Por quê?

Versículo 8

Aquele que acredita na ressurreição dos mortos é um fanático? Troque idéias no grupo sobre isso.

Versículos 9-18

Se alguém classificar Paulo como fanático, é só observar que ele fez como judeu zeloso, perseguindo os cristãos. Citar os fatos mencionados nestes versículos.

Versículos 19-23

Antes, Paulo seguia uma orientação fanática de perseguição aos cristãos e exterior deste movimento que surgia. Agora ele obedece a uma visão celestial e segue entusiasmadamente essa orientação. Quais as diferenças?

Versículo 24

Festo interrompeu Paulo acusando-o de fanatismo e loucura.

Versículos 25-29

Como Paulo se defende da acusação de fanatismo e loucura?

Troque idéias no grupo sobre estes pontos utilizando os dois textos bíblicos e a experiência dos membros do grupo:

- O fanatismo é zelo irracional e infundado em torno de algo; o entusiasmo é participação ativa e alegre, refletindo uma decisão pensada e séria em torno de uma causa.

- O fanatismo se alimenta de uma experiência emocional e individual e tende a ser egoísta; o entusiasmo se baseia em um compromisso em torno de uma causa e tende a ser solidário.

- O fanatismo tende a focalizar o exótico e as experiências fora do comum ou sobre-naturais; o entusiasmo opera dentro das experiências normais e naturais da vida humana.

- O fanatismo tende a ser uma experiência intensa e temporária (fogo de palha) que impressiona muito na hora, mas é passageira; o entusiasmo tem natureza duradoura, embora possa ser menos espetacular no momento.

- O fanatismo tende a separar a pessoa de outros seres humanos, envolvendo-a em atividades ou emoções alienantes; o entusiasmo tende a conduzir a pessoa a relacionamentos mais humanos e socializantes.

- O fanatismo se contenta com uma experiência emotiva e comovente; o entusiasmo procura uma expressão ativa em torno daquilo que se sentiu.

Para fazer em grupo

- Examine estes pontos e verifique quais têm confirmação na experiência dos membros do grupo. Quais pontos o grupo acrescentaria?
- Examine a vida religiosa, os momentos de culto e as atividades da sua igreja local. Como o grupo classificaria a vida religiosa da sua comunidade de fé? Fanática? Entusiasta? Fria? Indiferente? Outras classificações?

Amizade, SIM; Manipulação, NÃO

Objetivo deste estudo

Procurar em alguns textos bíblicos critérios para a amizade verdadeira.

O por quê deste estudo:

Em nossa sociedade materialista é difícil encontrar a verdadeira amizade. É mais comum observar relacionamentos baseados em interesses. É mais comum encontrar pessoas tentando manipular outras do que encontrar amizades verdadeiras. O estudo fornece subsídios e orientações bíblicas para a formação de verdadeiras amizades. Nesta época em que relacionamentos humanos estão na sua pior fase, o estudo é oportuno.

Textos bíblicos: I Sm 18.1-5; 19.1-7; 20.1-42; Jo 15.12-17.

Se colocássemos os dados pessoais e o perfil psico-social de Davi e Jônatas num computador, dificilmente estes dois seriam identificados como amigos. Jônatas era da família real, da nobreza, e Davi de origem humilde, um pastorzinho. De acordo com o raciocínio humano, seriam rivais e inimigos. Jônatas era o potencial herdeiro do trono de seu pai, o rei Saul. Todavia, a crescente popularidade de Davi o colocava como forte candidato ao trono. Normalmente, concorrentes não são amigos. Porém, I Sm 18.1-5 relata esta amizade extraordinária.

Dizem que era comum naquela época a troca de armas e armaduras e peças de roupas (versículo 4). Tais trocas eram uma maneira de selar uma grande amizade e dar sinal concreto dos laços que uniam as pessoas. Existe, neste versículo, um detalhe que merece atenção. No meio da lista encontramos esta expressão: **inclusive a espada**. Naquela época, os filisteus dominavam Israel e tomavam todos os ferreiros para que os israelitas não pudessem fabricar espadas e instrumentos de guerra. Só havia duas espadas na nação inteira – uma com o rei Saul e outra com Jônatas (confira em I Sm 13.19-22). A partir desse detalhe, podemos avaliar a amizade que existia entre Jônatas e Davi. Um amigo poderia dar ao outro algo de pouco valor, ou um artigo que não lhe fizesse falta. Mas entregar uma das duas espadas existentes na nação...

Este texto relata que Jônatas intercedeu em favor do amigo, Davi. Certamente, amigo é para essas coisas.

I Sm 20.1-42

Esse texto apresenta relatos da sincera amizade entre Davi e Jônatas e especialmente o esforço de Jônatas para proteger seu amigo da ira do rei Saul.

No Novo Testamento encontramos o conceito mais elevado da amizade. Os primeiros cristãos tomaram este ensinamento de Cristo como o seu padrão de vida comunitária.

Jo 15.12-17

Leia com cuidado este texto e troque idéias sobre estes pontos:

- De que maneiras Cristo demonstrou seu amor? É possível amarmos da mesma maneira?
- Note como a verdadeira amizade é caracterizada no versículo 13. É comum encontrar amizades desta natureza?
- Comentar os diversos cursos comerciais, livros e seminários organizados em torno do tema geral: "Como ganhar amigos e influenciar pessoas". Qual o objetivo de tais trabalhos? Ganhar dinheiro para os organizadores? Dar dicas de como manipular as pessoas? Mostrar como usar as pessoas para obter vantagem pessoal? Existem outros objetivos? Em que tais trabalhos diferem da recomendação de Jesus sobre a amizade?

É comum ouvir comentários assim:

"Eu gostaria de importar um aparelho. Se eu tivesse um amigo na alfândega..."
 "Vou terminar meus estudos no ano que vem. Você tem algum amigo na diretoria de uma boa firma que possa arrumar alguma coisa para mim?" "Eu vou dar um jeito porque tenho um amigo na política".

Analisar estes comentários à luz deste texto bíblico.

- Quais as diferenças entre um servo e um amigo?
- Como este texto pode ajudar a igreja local no movimento Dons e Ministérios? Os ministérios visam servir aos outros em nome de Cristo e proclamar as Boas Novas em toda parte em palavras e ações. Como este conceito se encaixa na caracterização de um verdadeiro amigo que aparece no texto. Como os Dons e Ministérios podem ser um instrumento para vivenciar o mandamento de Cristo de amar aos outros?

A Palavra Viva, SIM, a Letra Morta, NÃO

O objetivo deste estudo

Apresentar a Bíblia como a Palavra Viva de Deus e não como letra morta, e incentivar seu uso como instrumento fundamental no crescimento da fé e no cumprimento da missão.

O por quê deste estudo:

Todos dizem que a Bíblia é um livro importante. Todos respeitam e até reverenciam o Livro dos livros. Contudo, poucos realmente vêem a Bíblia como a Palavra Viva de Deus e como luz para nosso caminho. Alguns simplesmente não conhecem a Bíblia e nem tomam conhecimento dos tesouros contidos nas páginas sagradas. Outros acham difícil a leitura e não têm interesse nem orientação adequada para uma leitura proveitosa deste livro sem par. Ainda outros procuram a Bíblia e têm por ela um profundo respeito — quase uma veneração ou uma forma de idolatria. Fazem uma leitura fragmentada ou literal, e por isso encontram apenas um espelho de suas próprias idéias e não a palavra vivificante do Senhor. Num momento de negligência generalizada da Bíblia, e dos abusos causados por leituras fragmentadas e literais, que não transmitem a verdadeira mensagem bíblica, é oportuno um estudo que vise o preparo do povo de Deus no uso correto deste valioso instrumento de crescimento espiritual.

Textos bíblicos: Sl 119.105-106; Jr 31.31-35; Jo 5.39-40; II Co 3.4-6.

II Co 3.4-6

O contexto destas palavras é o ministério da nova aliança. Paulo está falando de suas credenciais como ministro. Nos versículos anteriores ele afirma que os próprios crentes em Corinto são sua carta de recomendação e que são como uma carta lida por todos. Para as pessoas que tinham um profundo respeito pelas Escrituras (a Lei de Moisés), ele sugere que uma mensagem escrita pelo Espírito do Deus vivente teria primazia sobre uma mensagem escrita com tinta ou mesmo uma gravada em tábuas de pedra. Utilizando essa figura, ele continua dizendo que sua habilitação como ministro da nova aliança vem de Deus, não da letra, mas do Espírito.

Versículo 6

Como o grupo entende a frase: "A letra mata, mas o espírito vivifica"? Hoje corremos o risco de valorizar mais uma letra impressa do que a mensagem do Deus vivente escrita nos corações?

Jo 5.39-47

Este texto está num contexto de grandes controvérsias entre os líderes judaicos e judeus. Um aspecto dessa controvérsia se focalizava na grande ênfase nas Escrituras (a Lei de Moisés). Acusaram Jesus de ignorar e desobedecer essa Lei. Quando Jesus se apresentava como o Filho de Deus e o Enviado a cumprir a missão do Pai, essa posição era inaceitável a todos que se orgulhavam de seus estudos da Lei e de seu grande respeito para com as Escrituras. Para estes doutores da Lei, Jesus estava errado, pois se colocava em situação de superioridade a essa Lei, portanto independente de Deus. Para os líderes judaicos, quem rejeitava a Lei de Deus agindo independente dela, cometia o pior pecado possível, já que Deus se revelava através das Escrituras.

Jesus tomou o argumento neste mesmo ponto nos versículos 39-40. Aqueles que tanto examinaram as Escrituras, não conseguiram enxergar seu ponto central. Um estudo cuidadoso das Escrituras levaria a pessoa a descobrir que Deus mandou seu filho para completar a obra da redenção.

Versículos 43-47

Jesus usa os próprios argumentos contra seus acusadores. Quem realmente ignorava as Escrituras? Se Moisés e os antigos escreveram a respeito daquele que Deus havia de enviar, porque não estavam crendo? Quem era, realmente, o pecador?

Jesus nem precisava de promotor. O próprio Moisés (que eles tanto veneravam) seria seu promotor, pois não aceitavam completamente a mensagem que ele anunciava.

Ilustração para ajudar o grupo a trabalhar este ponto

Durante a II Guerra Mundial, um homem foi convocado para o serviço militar. A convocação se deu logo após o nascimento de sua primeira filha. A esposa teve que ficar com a criança aguardando o fim da guerra e a volta do marido para casa. Enquanto ele estava fora, a mãe colocava seu retrato em lugar de destaque na sala. À medida em que a menina crescia, a mãe pegava o retrato e dizia: "Este é seu pai". A filha aprendeu a pegar o retrato, e dizer "Papai, papai". Aprendeu a fazer orações com a mãe pedindo a proteção e a volta do pai para casa. Após três anos de ausência, a mãe tinha conseguido manter viva a presença do pai em casa, embora a menina não lembrasse dele. Chegou o feliz dia da volta do marido/pai para casa. Ao entrar em casa, o pai foi correndo abraçar a filha. Mas para a menina, este homem era um estranho e ela recuou. Sem jeito, a mãe disse: "Mas filhinha, este é seu pai!"

Mas a criança correu e agarrou o retrato, dizendo: "Não, este é o meu pai!"

A mãe pensou consigo mesma - "Que foi que eu fiz? Na tentativa de manter viva a memória do pai durante sua ausência, e na tentativa de construir para minha filha uma imagem de seu pai, acabei colocando um retrato no lugar do pai de carne e osso!"

Com paciência e com as experiências do dia-a-dia, foi possível à filhinha aceitar seu pai real e reconhecer que o retrato era apenas uma representação do pai verdadeiro.

Trabalhe esta ilustração no grupo e troque idéias sobre os antigos que veneravam as Escrituras, mas perderam seu ponto central. Troque idéias sobre o perigo, hoje, de cair numa interpretação literal da Bíblia, quando a letra mata. Como garantir que nosso estudo bíblico e nossa leitura da Bíblia nos levem ao reconhecimento da palavra vivificante do Senhor e não a exercícios estéreis e vazios?

Jr 31.31-35

Como o grupo entende essa visão de Jeremias? O que significa "a lei gravada no coração"?

Jeremias propunha a eliminação de todo estudo da Palavra ou desafiava os fiéis a um estudo com enfoque diferente? Explique a resposta.

Sl 119.105-106

Como o grupo entende essa figura? A Bíblia pode iluminar alguém que não esteja caminhando? A luz das Escrituras é oferecida a quem - àqueles que estão caminhando na jornada da fé ou a qualquer um independente de seu compromisso de fé?

Para aprofundar mais

O seu grupo deve ter como documentos de estudo dois livros publicados na Coleção Dons e Ministérios: **O Uso da Bíblia na Prática de Nosso Ministério e Recebendo Luz Para o Caminho.**

Pedidos: Editora Agentes da Missão
Caixa Postal 68
13400 Piracicaba - SP

Estudo nº 9

Liberdade, SIM; Libertinagem, NÃO

Objetivo deste estudo

Encontrar subsídios bíblicos para uma expressão da liberdade limitada pelo amor.

O porquê deste estudo

Em uma sociedade cheia de violência, crimes, conflitos e degradação moral, vozes se levantam pedindo mais controle, mais ordem e até justificando a força e ditadura para controlar as crescentes tendências à libertinagem e a uma sociedade selvagem. Mas quem quer perder ou sacrificar sua liberdade? Como manter a sociedade de maneira equilibrada e ainda respeitar a liberdade humana? Como manter uma imprensa livre sem inundar o mercado com pornografia? Como permitir a livre expressão artística no teatro, na TV e no cinema sem ter uma séria erosão da fibra moral que fundamenta nossa civilização? O estudo é oportuno pois focaliza o conceito bíblico de uma verdadeira liberdade limitada pelo amor.

Textos bíblicos: Gl 5.13-15; I Co 8.7-13.

Gl 5.3-15

Leia o texto com cuidado e trabalhe os seguintes pontos com o grupo:

Versículo 13

Por que Paulo insistiu que o cristão é chamado à liberdade? Por que não é chamado a obedecer a um regulamento? Se o cristão é chamado à liberdade, por que cada um não pode fazer o que bem entende?

Como o grupo entende a parte final do versículo? Isto significa que a liberdade pode ser mal-usada? Em que sentido? O grupo pode citar exemplos do mau uso da liberdade e suas consequências?

É possível ser um servo aos outros e ao mesmo tempo ser livre? Como?

Qual a diferença entre ser servo simplesmente e servir aos outros em amor?

Versículo 14

A Constituição do Brasil de 1988 tem 245 capítulos, 70 Artigos de Disposições Transitórias, inúmeros decretos e regulamentações destes Artigos e ainda reclamam que faltam muitos atos legislativos para colocar em pleno funcionamento tudo que a Constituição prevê. Sendo assim, seria possível resumir toda a lei de Deus em um só versículo? Troque idéias no grupo sobre este resumo da lei.

Versículo 15

Como este versículo descreve nossa sociedade de hoje? Como a busca da liberdade desenfreada de cada um pode resultar na destruição de todos?

- Em que sentido o amor é nossa garantia final de que a liberdade individual será benéfica e não prejudicial?
- Em que sentido é a liberdade uma dádiva de Deus e ao mesmo tempo algo que o ser humano deve buscar, valorizar e cuidar para não abusar e perder?
- Comentar no grupo esta afirmação:
Somos livres como cristãos; não para fazermos tudo que queremos, mas livres para amar a Deus e a nosso semelhante.

I Co 8.7-13

Talvez o assunto levantado aqui não seja problema nas igrejas hoje. O abate dos animais para a comercialização da carne não é acompanhado por uma cerimônia em que a carne é dedicada a um deus. Por isso, não se questiona se o consumidor desta carne comete idolatria.

Mas o texto apresenta um princípio válido para os dias de hoje – a sensibilidade para com os mais fracos. O cristão é desafiado a limitar sua liberdade pessoal para favorecer os mais fracos. É neste sentido que o Apóstolo Paulo apresenta sua disposição de considerar os mais fracos na fé. Ele mesmo poderia comer a carne sacrificada aos ídolos sem comprometer sua fé. Ele tinha a “liberdade” de fazer isso no Espírito, portanto bem poderia consumir esta carne sem enfraquecer sua fé em Deus. Mas ele estava disposto a sacrificar essa liberdade em benefício dos mais fracos na fé. Se seu exemplo fosse atrapaalhar a fé dos outros, ele deixaria de comer essa carne.

Troque idéias com o grupo sobre estes pontos:

- Os cristãos de hoje demonstram essa sensibilidade que o texto salienta ou tendem a colocar sua liberdade pessoal acima dos atos de solidariedade?
- Cite o exemplo de alguém que tenha mostrado um elevado grau de sensibilidade aos outros, a ponto de limitar sua liberdade pessoal em benefício dos outros.

Estudo nº 10

Passado – Presente – Futuro

Objetivo deste estudo

Apresentar alguns subsídios bíblicos para a vivência da fé cristã onde se encontra um equilíbrio entre um respeito pelas tradições do passado, um desafio de viver a fé hoje e a esperança no futuro.

O por quê deste estudo

Nem todos hoje sabem valorizar a nossa rica herança do passado. Pensam que tudo que é velho já caducou. Para ser “moderno” pensam que tudo que é velho deve ser abandonado. Por outro lado, aqueles que ficam com o passado, sem renovar e sem criar novas idéias para novas situações, também erram. Este estudo propõe uma vivência equilibrada da fé, onde as tradições valiosas do passado são honradas ao mesmo tempo em que os fiéis são desafiados a participar da “coisa nova” que Deus está realizando entre nós. O estudo é oportuno, pois traz os três tempos numa perspectiva correta – o passado, o presente e o futuro.

Textos bíblicos: Is 43.14-21; Mt 5.21-48.

Lembrar ou esquecer?

Is 43.14-21

Este texto faz parte de um grande poema em que o profeta registra a graça do redentor. Uma parte dessa graça toma forma bem concreta; a libertação do jugo da Babilônia.

Versículo 14

Como os fiéis interpretaram o fato de que outras nações poderosas estavam se levantando contra a poderosa Babilônia? Era mero acaso?

Que motivo levou Deus a providenciar uma ação contra a Babilônia?

Versículos 15-17

Quais as referências históricas que o grupo identifica nestas palavras? Quais palavras se referem a eventos tais como a libertação dos israelitas da escravidão no Egito?

Versículo 18

Como o grupo vê este versículo que afirma que não devemos nos lembrar das coisas do passado? O próprio profeta Isaías lembra e registra os poderosos atos do Senhor. Por que não lembrar agora as boas coisas que Deus tem feito? Para responder, é preciso lembrar que estamos lidando com uma linguagem poética. Os tradutores nos dizem que esta expressão poética tem a força de frases mais ou menos assim: "Não se apegue ao passado". "Não fique amarrado ao passado a ponto de se esquecer do presente." "Não fique pensando apenas naquilo que Deus fez no passado, Ele continua a agir."

Troque idéias no grupo sobre o significado desta expressão poética à luz destas sugestões.

Versículo 19

Observe como este versículo focaliza um Deus que age no presente. Troque idéias no grupo sobre este ponto. Cite as "coisas antigas" que Deus fez na história do povo de Israel. Como seria possível este povo lembrar-se apenas das "coisas antigas", esquecendo-se que Deus continuava a agir? Será que o povo se lembrava das histórias inspiradoras de um Deus que tirou seus antepassados do Egito, mas tinha dificuldade em acreditar que Ele poderia livrar o povo do jugo da Babilônia? O que era a "coisa nova" que Deus iria fazer? O povo tinha dificuldade em perceber? E hoje... Deus é capaz de fazer "coisas novas"? Somos tentados a lembrar apenas das grandezas de Deus no passado, sem realmente acreditar na possibilidade da ação de Deus hoje em nosso meio? Que "coisas novas" o grupo gostaria que Deus fizesse hoje? Será que Deus tem feito "coisas novas" que nós não temos percebido?

Versículo 20-21

Expressões poéticas de toda a criação glorificando e louvando ao Senhor. O que estas palavras nos dizem hoje? Temos motivos para louvar e glorificar ao Senhor? Que motivos? De que maneira poderíamos celebrar e louvar ao Senhor?

Mt 5.17-20

Uma pequena introdução ao assunto. Com base neste texto, troque idéias sobre estas perguntas:

- Em que sentido Jesus conservou os valores da Lei antiga? Em que sentido trouxe novas perspectivas e novas ênfases à velha Lei?
- Comente essa afirmação: Jesus validou, mas não violou a Lei antiga.
- Como o grupo entende o versículo 20? Em que termos de exceder ou ultrapassar os escribas e os fariseus? Estes líderes religiosos eram zelosos no cumprimento dos seus deveres religiosos, passaram anos e anos estudando a Lei e cuidando de observar seus mínimos detalhes. Você acha que tem feito mais do que eles fizeram?

Mt 5.21-27

Qual era a antiga interpretação da Lei do homicídio? Que novo aspecto Jesus introduziu nesta lei? Por que incluiu a reconciliação?

Mt 5.27-32

Qual era a antiga interpretação do adultério? Que novo aspecto Jesus introduziu? Hoje estamos dando atenção a este aspecto?

Mt 5.33-37

Como o grupo entende este trecho? Procure o Art. 25 dos Vinte e Cinco Artigos de Religião (p. 31 dos Cânones 1988) e verifique o que está registrado lá. Isso ajuda na interpretação do texto?

Mt 5.38-42

O que a lei antiga dizia sobre a vingança? Que nova interpretação Jesus trouxe?

Mt 5.43-48

O que foi dito sobre o amor ao nosso próximo? Na realidade, essa é a lei que mais funciona hoje? É mais comum demonstrar amor e consideração para com os "nossos", para com aqueles que nos tratam bem e que nos prestam favores? É comum (ou fácil) amar um inimigo?

Unindo passado, presente e futuro.

Certamente existem valores que nos vieram do passado e que merecem nossa atenção. Leis e costumes antigos tinham seu valor no passado e oferecem valiosas orientações para a vivência da fé hoje. Mas o cristão não fica preso ao passado, lembrando com saudade "os bons e velhos tempos". Lembramos com gratidão os poderosos atos de Deus no passado, mas também sabemos que este Deus não encerrou o expediente. O mesmo Deus que libertou o povo da escravidão, pode nos libertar hoje. O mesmo Deus que anunciou que estava fazendo "uma coisa nova" no tempo de Isaías, continua a fazer coisas novas e maravilhosas entre os fiéis. Não percebem? Jesus nos deu um exemplo da valorização da Lei antiga – a conservação dos valores do passado, mas ao mesmo tempo lançou o desafio para a atualização da mesma numa nova e dinâmica vivência da lei antiga. Tudo isso nos dá esperança em relação ao futuro porque sabemos que o Deus dos antigos, que sempre agiu em benefício do povo, continua a agir. Pelos olhos da fé percebemos que Ele está fazendo "uma coisa nova" agora mesmo entre nós. Este Deus atuante nos dá coragem e força para enfrentar o futuro com confiança, responder ao desafio do presente e tirar lições preciosas do passado, conservando seus valores, mas, ao mesmo tempo, atendendo às exigências do presente e criando novas maneiras de viver a fé.

Adoração a Deus, SIM; Idolatria, NÃO

Objetivo deste estudo

Oferecer subsídios bíblicos que caracterizem a verdadeira adoração a Deus e a idolatria.

O por quê deste estudo

A idolatria é o culto prestado a uma figura, imagem ou objeto. Neste sentido, a idolatria não é praticada apenas por povos “não-civilizados” ou por seres sem inteligência. Quantas coisas são colocadas no lugar do Deus verdadeiro e cultuadas hoje em nossa civilização moderna! Uma sociedade de consumo está constantemente fabricando “ídolos” e clamando para que as multidões os cultuem. Sofisticadas campanhas de marketing, grandes fortunas investidas em promoções e técnicas de publicidade – todas estas forças produzem os ídolos modernos que estão sendo colocados no lugar que pertence a Deus. São cultuados quando a verdadeira adoração a Deus fica afastada. O estudo é oportuno pois nossa sociedade, mais do que nunca, precisa se lembrar da citação bíblica que Jesus busca no momento de sua tentação: “Ao Senhor teu Deus adoras, e só a ele darás culto.”

Textos bíblicos: Ex 20.4-6,23; Is 31.6-7; 44.9-20; Jr 10.1-16.

Mt 4.10 e Jo 19.24

A idolatria condenada no Antigo Testamento.

Ex 20.4-6, 23

Vivendo há algumas gerações no Egito e observando vários tipos de cultos e inúmeros objetos feitos para receber o louvor das pessoas, por que os israelitas necessitavam de ordens explícitas como estas? Em que sentido estes ídolos poderiam prejudicar a adoração ao Deus verdadeiro?

Is 31.6-7

O capítulo 31 fala, na sua totalidade, da proteção de Deus. Lembra da futilidade das alianças e das defesas feitas por mãos humanas. Estes dois versículos quebram o

pensamento para estabelecer uma condição para receber a proteção divina. Por que um povo idólatra não consegue a proteção de Deus?

Is 44.9-20

Um poema que ironiza aqueles que fazem e adoram os ídolos. Examine os diversos versículos com o grupo. Tente colocar essas frases em suas próprias palavras utilizando o humorismo e a gozação para condenar a loucura da idolatria.

Versículo 19

Note bem a pergunta: "Ajoelhar-me-ia eu diante de um pedaço de árvore"? Em que sentido esta expressão é um resumo do texto inteiro? E hoje, será que estamos nos curvando diante de coisas vazias e sem valor? Caberia a pergunta hoje: Será que eu estou me ajoelhando diante de dinheiro? Status? Opinião pública? Outros interesses?

Jr 10.1-16

De forma poética o profeta apresenta o contraste entre os ídolos e o Deus verdadeiro. Usando este texto como base, complete um esquema assim no quadro-negro (lousa):

Os ídolos são assim:	O Deus verdadeiro é assim:

No Novo Testamento

Não há lugar no cristianismo para a idolatria. O cristão é chamado a adorar a Deus em espírito e em verdade.

Jo 4.19-24

A verdadeira adoração. Troque idéias no grupo sobre os seguintes pontos com base neste texto:

- A mulher levantou a pergunta ONDE ADORAR? Jesus cuidou de uma pergunta mais profunda que a mulher nem formulou: COMO ADORAR? Que diferenças o grupo percebe nestas duas perguntas?
- Como o grupo entende o versículo 24? O que significa adorar a Deus em espírito e em verdade?

- No contexto bíblico, como é o louvor? O ato focaliza o gozo do participante ou é dirigido a Deus? É uma atividade que separa a pessoa das experiências normais da vida, alienando-a de seu semelhante? É uma atividade só para o consumo interno do grupo que o pratica ou é um ato comunitário que impulsiona para servir aos outros em nome de Deus?

- Lembre, no grupo, uma experiência que seja considerada um ato de louvor ao Deus verdadeiro. O que mais contribuiu para tornar esta experiência um ato de louvor a Deus?

- Levantar no grupo uma ação, atitude ou atividade em nossa sociedade moderna que seja considerada idolatria. Em que sentido essa atividade, ação ou atitude toma o lugar de Deus e recebe o culto que só Ele deveria receber?

Fé, SIM; Credulidade, NÃO

Objetivo deste estudo

Apresentar subsídios bíblicos que estabeleçam critérios para diferenciar entre a fé e a credulidade.

O por que deste estudo

Embora haja certas semelhanças entre a fé e a credulidade, as diferenças são enormes e fundamentais. A credulidade é a aceitação fácil e ingênua de tudo. É acreditar em algo ou em alguém sem fundamentação. A fé é depositar confiança em algo ou alguém com a certeza de que essa confiança foi testada e fundamentada. Pode ser que todas as provas não sejam tão concretas, mas a pessoa toma uma decisão fundamentada e madura a partir de uma experiência individual e coletiva que dá base para uma ação de confiança. Hoje em dia temos os dois extremos: alguns não acreditam em nada. Querem tudo “no preto e branco” e só aceitam aquilo que pode ser provado cientificamente. Outros procuram uma postura “religiosa” e tentam demonstrar a possibilidade de crer em coisas incríveis. O estudo é oportuno pois tenta demonstrar o lugar da fé, a partir da confiança em Deus e demonstrar que essa confiança é fundamentada. Não somos chamados a uma credulidade ingênua e infundada, mas a uma fé inteligente, madura e bem fundamentada.

Textos bíblicos: He 11.1; Mc 9.14-29; Mt 8.5-10 e I Rs 18.20-40.

I Rs 18.20-40

Um relato vívido da experiência de Elias com os profetas de Baal no monte Carmelo. Entre outras coisas, o relato focaliza a diferença entre a credulidade e a fé. Os profetas de Baal “criam” nos poderes de Baal. Tudo fizeram para reforçar sua posição, mas realmente não tinham qualquer fundamento. Era um exemplo de credulidade ingênua que não produzia efeitos, a despeito de seu clamor e de suas manifestações. Em contraste, Elias confiou plenamente no poder de Deus. Tudo que Elias sabia da história do seu povo confirmava o fato de que Deus era poderoso e confiável. Todas as experiências individuais que Elias tinha com Deus comprovavam a mesma coisa. Por isso, o profeta poderia agir com fé naquele momento. Era uma ação fundamentada e madura.

Mc 9.14-29

A cura de um jovem possesso. O relato apresenta um contraste entre a fé e a falta de fé. Os discípulos tentaram a cura, mas não conseguiram. Jesus caracterizou a geração inteira como **incrédula** (versículo 19).

Versículo 23

Como o grupo entende essas palavras de Jesus? Jesus não colocou qualquer limitação sobre a fé. E hoje – é comum colocarmos limites sobre a fé? Até onde nossa fé pode ir? O que temos conseguido com nossa fé hoje? Troque idéias no grupo sobre a resposta.

Versículo 24

Como o grupo entende este versículo? Existe contradição entre “Eu creio” na primeira parte e “ajuda-me na minha falta de fé” que vem logo em seguida? O que seria melhor: fingir que tem bastante fé para conseguir mais atenção da parte de Deus, ou confessar honestamente que a fé vai até certo ponto e pedir ajuda para aumentá-la? Troque idéias no grupo sobre a seguinte afirmação: “Deus respeita mais uma honesta expressão de dúvida do que uma falsa afirmação de fé.”

Versículos 28-29

Os discípulos fizeram questão de pedir explicações em particular sobre o seu fracasso. Os estudiosos dizem que as palavras “e jejum” não aparecem nos melhores manuscritos, por isso em várias traduções são colocadas entre parêntesis. Mas seja como for, Jesus dizia aos seus discípulos que a eficácia da fé está diretamente ligada à vida espiritual e à comunhão com Deus. Essa comunhão direta com o Pai resulta numa fé com poderes ilimitados; a falta desta comunhão resulta em fracassos como os que os discípulos experimentaram.

Troque idéias no grupo sobre essa pergunta: que tipo de vida espiritual e comunhão com Deus produzirá uma fé atuante de poder ilimitado? Como conseguir este tipo de comunhão com Deus?

Mt 8.5-13

A fé de um centurião.

Considerar com o grupo os seguintes pontos:

- O centurião (oficial romano no comando de cem homens aproximadamente) teria sido alguém para cair facilmente na credulidade ingênua? O que lhe deu base ou fundamentação para sua fé tão segura em Jesus.
- A primeira impressão que se tem é que o maior exemplo de fé seria encontrado no meio de gente religiosa (os zelosos judeus com suas ênfases nas cerimônias, rituais e práticas religiosas). Como se explica este admirável exemplo de fé na vida de um

gentio? Isto significaria que hoje nem todos dentro de “círculos religiosos”, têm fé e que a verdadeira fé está disponível mesmo àqueles que estão fora dessas comunidades de fé?

He 11.1

A definição clássica da fé. Como o grupo entende essa definição? Coloque a definição em suas próprias palavras.

- Faça uma leitura do versículo de duas maneiras:

1) A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se vêem.

2) A fé é a certeza de coisa que se esperam, a convicção de fatos que não se vêem.

A primeira leitura enfatiza as coisas que estamos esperando, que não se concretizaram ainda – as coisas não palpáveis, coisas não observadas ou vistas. A segunda leitura enfatiza a certeza das coisas que nem chegaram a acontecer e a firme convicção da realidade das coisas não observadas ou visíveis. Qual leitura é mais correta? Como os heróis da fé, mencionados no decorrer do Cap. 11 exemplificaram a verdade desta segunda leitura? Como essa segunda leitura pode nos ajudar a diferenciar entre uma credulidade ingênua e superficial e uma fé madura e fundamentada?

Disciplina Espiritual, SIM; Legalismo, NÃO.

Objetivo deste estudo

Apresentar subsídios bíblicos que demonstrem a necessidade de disciplinas espirituais que ajudem no crescimento na fé e alguns subsídios mostrando os perigos de um legalismo estagnante e estéril.

O por quê deste estudo

Hoje em dia o conceito de disciplina não é muito popular. Muitos preferem livrar-se de toda e qualquer restrição. As chamadas disciplinas espirituais são consideradas arcaicas, ultrapassadas e desnecessárias. Este estudo demonstra que são fundamentais para uma fé dinâmica e atuante. Por outro lado, alguns caem no erro do legalismo, perdendo assim a espontaneidade e a vitalidade da fé. O estudo é oportuno pois aponta para uma vida disciplinada e ordenada. Mostra que essa vida disciplinada na fé não passa por um legalismo estéril e estagnante.

Textos bíblicos: Lc 9.57-62; 18.9-14; Mt 5.17 a 6.18 e Ef 4.25 a 5.2.

As condições do disciplinado

Lc 9.57-62

Leia este texto no contexto da determinação de Jesus de fazer a vontade do Pai, custasse o que custasse. Veja os versículos um pouco antes deste texto em Lc 9.44-45. Jesus falava de uma disciplina que o levaria à cruz. Os discípulos (como nós hoje em dia) não queriam perguntar muito sobre este assunto. Era muito mais cômodo permanecer calado do que realmente examinar as condições do disciplinado.

Troque idéias sobre o texto Lc 9.57-62.

- Por que Jesus não aceitou de bom grado o desejo das pessoas de seguirem-no? Por que achou necessário lembrá-las do alto custo do disciplinado?
- O que custa hoje ser um discípulo de Jesus?
- Como o grupo entende o versículo 62?

Práticas religiosas nem sempre são disciplinas espirituais. Leia **Lc 18.9-14** e troque idéias sobre estes pontos:

- Normalmente associamos o jejum e o dízimo a uma vida bem regulada e disciplinada na fé. Por que essas práticas não trouxeram bênçãos para a vida dessa pessoa?
- Quando uma prática religiosa se torna uma disciplina espiritual edificante e positiva e quando ela se torna um legalismo estagnante e estéril?
- Que disciplinas espirituais e práticas da fé têm sido benéficas para os membros do grupo? Existe o perigo destas práticas caírem no legalismo?

Os ensinamentos de Jesus: a verdadeira disciplina na fé sem cometer o erro do legalismo (**Mt 5.17 a 6.18**).

Observe estes contrastes com o grupo:

Versículos 17-20

Jesus veio para cumprir e revigorar a lei, não para destruí-la e revogá-la. Ele veio para instituir uma disciplina espiritual edificante e combater o legalismo vazio.

Versículos 21-26

Não é suficiente apenas deixar de matar (legalismo); é preciso arrancar a ira e o ódio da vida. Esta é a verdadeira disciplina espiritual.

Versículos 27-32

Evitar o ato de adultério é apenas o primeiro passo (legalismo); para uma disciplina espiritual positiva e edificante, é preciso purificar as intenções e os pensamentos.

Versículos 33-37

Legalismo é cuidar para cumprir um juramento. O bom mesmo é valorizar a palavra a tal ponto que um simples SIM ou NÃO seja suficiente para estabelecer credibilidade.

Versículos 38-42

O legalismo limitou a vingança. Ela não poderia ultrapassar o prejuízo sofrido. Jesus nos chama para uma vida disciplinada a ponto mesmo de poder voltar a outra face quando ferido e andar a segunda milha – o dobro do exigido.

Versículos 43-48

O legalismo exige um bom trato aos amigos. A disciplina cristã exige o amor para com os antipáticos e os malfétores. O legalismo visa como produto final “o bonzinho”. A disciplina cristã nos chama à perfeição.

Capítulo 6, versículos 1-4

O legalismo faz questão de aparecer na hora de apresentar a oferta. A contribuição cristã não visa qualquer interesse ou reconhecimento público.

Versículos 5-15

O legalista cumpre a obrigação de orar e faz questão de “enfeitar” suas orações com frases bonitas e volume suficiente para ser ouvido. O cristão tem na oração do Senhor um guia para uma vida realmente disciplinada e comprometida com a vontade de Deus.

Versículos 16-18

O legalista cumpre a obrigação de jejuar “com cara feia” e ainda utiliza este ato para comprovar sua superioridade espiritual. Numa vida disciplinada, este ato é tratado pessoal com Deus e se realiza dentro de um contexto maior de comunhão com Deus e com outras práticas da fé com a maior naturalidade.

A vida disciplinada: Ef 4.25 a 5.2

Versículo 25

O apóstolo cita **Zc 8.16** exortando cada um a usar a verdade. Se aceitarmos o fato de que somos membros uns dos outros, como isso nos ajuda a usar de verdade para com todos?

Versículos 26-27

Como o grupo entende esta recomendação? Se tivermos raiva, estaremos pecando ou é possível (e necessário) dar vazão às emoções e sentimentos, controlando-os, contudo, para não pecar? Como podemos disciplinar nossas emoções, dar expressão a elas e ainda resolver os conflitos para não levá-los conosco dia após dia?

Versículo 28

Comente o contraste entre o interesseiro que rouba do outro aquilo que deseja e aquele que se esforça para ganhar o que ele mesmo precisa e ainda algo mais para oferecer ao outro.

Versículos 29-32

- Como a fala de um cristão disciplinado nos lembra que somos membros uns dos outros?
- Por que o Espírito fica entristecido com a quebra da comunhão e da fraternidade entre os fiéis?
- Se normalmente as pessoas encontram dificuldades em seguir uma vida disciplinada, tratando os outros com compaixão e bondade e perdendo, porque o cristão aceita essas disciplinas?

O cap. 4 termina com uma nota que dá o tom para um pensamento mais profundo e mais abrangente. Assim as recomendações do Apóstolo sobre comportamentos e relacionamentos diários não caem no terreno do legalismo. O texto não termina com uma lista de regulamentos a serem observados, mas com a recomendação de andar em amor. Também este não é um conselho vago e vazio. Paulo lembra os fiéis do grande amor de Cristo, que nos perdoou, que entregou sua própria vida por nós. Antes de pedir ou exigir que tenhamos uma vida espiritual disciplinada, Cristo veio habitar entre nós sob forma humana e viveu segundo a vontade de Deus na maior harmonia possível. Eis o nosso modelo de vida disciplinada.

Ministério, SIM; Cargos, Não

Estudo nº 14

Objetivo deste estudo

Focalizar uma igreja ministerial em contraste com uma congregação onde há mais interesse em ocupar cargos do que servir e cumprir a missão.

O por quê deste estudo

Se no tempo de Jesus havia problemas quanto à busca desenfreada do poder dos cargos, muito mais hoje! Uma sociedade de consumo cria um apetite insaciável. Para poder adquirir mais bens materiais, mais conforto, mais prestígio, há uma corrida louca pelo poder. Buscam-se cargos, não para prestar serviço à coletividade, mas para enriquecer ou consolidar poder e posição. Jesus lembrou aos seus discípulos que o modelo do mundo visava o benefício próprio. Mas foi enfático em declarar que não deveria ser assim entre seus seguidores. Pessoas colocadas em posições de autoridade ou exercendo cargos de responsabilidade deveriam usar essas oportunidades para servir aos outros. Infelizmente, alguns na Igreja perdem de vista esta recomendação de Jesus e usam o modelo do mundo. Ao invés de focalizar a missão e utilizar todas as oportunidades para cumpri-la, alguns buscam a honraria de cargos, disputam eleições para sua própria promoção e pensam em alimentar o ego ao invés de apascentar o rebanho. Por isso, a Igreja Metodista optou pelo movimento Dons e Ministérios, onde cargos, individualismo, auto-promoção e a busca de poder são substituídos pelo serviço prestado em nome de Deus, o cumprimento da missão e a proclamação das boas novas em palavras, atitudes e ações.

Textos bíblicos: Mt 20.20-28, Mc 10.35-45.

É sinal dos tempos que uma palavra passou a ter um sentido completamente oposto. Há algum tempo atrás a palavra **mordomia** significava a lealdade e a fidelidade com que um administrador prestava contas dos bens confiados ao seu cuidado. Neste sentido, a Igreja falava em mordomia cristã. Deus, o dono de tudo, colocou nas mãos humanas bens, talentos, capacidades e oportunidades. Como mordomos (servos) fiéis, os seres humanos prestam contas a Deus (o verdadeiro dono) sobre o uso destes bens.

Porém, a sociedade moderna roubou esta palavra atribuindo-lhe um significado totalmente diferente. "Mordomia", hoje, quer dizer a vantagem, o proveito especial e pessoal que a pessoa recebe enquanto ocupa um cargo. O objetivo não é utilizar um cargo para servir à coletividade, mas usufruir de uma colocação para "levar vantagens". Diga-se de passagem que o dicionário Aurélio traz apenas o sentido mais antigo e mais elevado da mordomia. A sociedade de consumo, por conta própria, ignorou o sentido de responsabilidade e serviço impondo o significado egoísta e interesseiro.

Troque idéias sobre estes pontos com base nos dois textos bíblicos: **Mt 20.20-28** e **Mc 10.35-35**

- Este relato indica que Tiago e João não entenderam "o espírito da coisa", o significado do Reino que Jesus estava anunciando. Em que pontos suas idéias se diferenciavam das idéias de Jesus sobre o Reino?
- Relacionar a incompreensão de João e Tiago com a de Pedro no relato do lavapés (**Jo 13.1-20**). Todos cometeram os mesmos erros? Quais? Corremos o risco de cometer o mesmo pecado hoje? Como evitar isso?
- Os textos bíblicos admitem que o modelo no mundo secular é o seguinte: quem ocupa um cargo manda, domina, manipula e tira proveito do poder inerente à posição. Persiste o mesmo modelo hoje em nossa sociedade?
- Que modelo Jesus deixou para o exercício do poder dentro da Igreja? Como o movimento Dons e Ministérios atende às exigências deste modelo?
- Coloque em uma metade do quadro negro (lousa) os dizeres:

Uma Igreja focalizando cargos é assim:	Uma Igreja ministerial (Igreja de serviço) é assim:

Com o grupo, faça uma lista de características de cada tipo de Igreja. Ter em mente que a palavra **ministerial** não é usada, aqui, no sentido de clerical, ou pessoa ordenada, mas no sentido bíblico, que é **serviço** (aquele que ministra às necessidades dos outros em nome de Deus).

- Em que aspectos sua igreja local se identifica mais com um igreja de cargos? Em que aspectos ela se identifica com uma igreja ministerial?
- Seu grupo concorda com essa observação?
 "Uma Igreja focalizada em cargos tende a se fechar em si, a desinteressar-se da evangelização e das missões e provavelmente demonstrará pouco ou nenhum entusiasmo pela causa de Cristo. Uma Igreja ministerial tenderá a ver oportunidades de serviço, acenderá o fogo da paixão evangelística e experimentará um crescimento em quantidade e qualidade."

Estudo nº 15

Perdão, SIM; Frouxidão, NÃO!

Objetivo deste estudo

Levantar subsídios bíblicos em torno do assunto do perdão que mostrem que a frouxidão não faz parte do processo, mas sim, o restabelecimento da harmonia e da paz entre todas as partes e com Deus.

O por quê deste estudo

Alguns têm uma idéia errônea do perdão. Pensam no perdão em termos de frouxidão, fraqueza, falta de uma posição firme ou indiferença perante o mal. Outros erram na direção oposta e adotam uma posição "dura" de condenação e/ou julgamento. Infelizmente, estes dois campos se radicalizam em nossos dias. Observamos congregações que parecem "fechar os olhos" ou fazer "vista grossa" ante os males que abalam a comunidade dos fiéis. Outros se calam diante de males sociais para "não criar problemas". Em contraste, outros grupos instalam uma versão atualizada da Inquisição e julgam e condenam publicamente os atos dos membros. As pregações nestes grupos focalizam os castigos que acompanharão os pecados (sempre definidos pelo próprio grupo e geralmente em termos de comportamentos desviantes da norma estabelecida pelo grupo). As congregações locais se transformam em tribunais, lideranças leigas se transformam em promotores que processam o malfetor, e o pastor toma o lugar de juiz (leia-se Deus, em alguns casos) para ouvir, julgar o caso e passar a sentença. O estudo é oportuno pois apresenta subsídios bíblicos que permitem ao cristão assumir posições firmes quanto ao pecado sem transformar o pecador em réu e sem ocupar a cadeira do juiz (ou o trono de Deus) para ouvir e julgar o caso.

Textos bíblicos: I Co 5.1-13; II Co 13.1-10; I Tm 5.17-25 e I Co 4.1-5; Tg 5.19-20 e Jo 8.1-11.

Consideremos, em primeiro lugar, alguns textos que nos falem de medidas disciplinares dentro da comunidade de fé.

I Co 5.1-13

O texto demonstra que Paulo e os fiéis levavam a sério a comunidade e faziam de tudo para eliminar os elementos negativos que ameaçavam a unidade e comprometiam o testemunho.

II Co 13.1-10

Às vezes, o grande amor que Paulo tinha para com seu rebanho tomava a forma de repreensões, advertências e castigos. Porém, a finalidade da ação disciplinar do pastor não é a de destruir, mas de edificar (versículo 10).

disciplinar do pastor não é a de destruir, mas de edificar (versículo 10).

I Tm 5.17-25

O texto registra vários conselhos e práticas que demonstram que os primeiros cristãos tinham critérios e parâmetros para regulamentar a vida congregacional.

Além de examinar os textos acima que demonstram que a frouxidão não fazia parte da Igreja Primitiva, é preciso ver outros textos focalizando um outro aspecto: a não-condenação dos outros.

I Co 4.1-5

Uma posição sensata: lembrar que Deus é o juiz.

Tg 5.19-20

A virtude não está em condenar, mas em converter, corrigir e recuperar a pessoa que errou.

Jo 8.1-11

Troque idéias no grupo sobre estes pontos do texto:

- Levante as diferenças entre a atitude de Jesus e a dos escribas e fariseus em relação à mulher adúltera.
- Qual a diferença entre essas suas posições?
 - 1) Condenar uma pessoa e dizer depois: "Vai e não peques mais".
 - 2) Dizer a uma pessoa: "Eu não te condeno; vai e não peques mais".
- Qual posição é mais característica de sua congregação local?
- O fato de Jesus não ter condenado a mulher significa que Ele era frouxo e que aceitava o adultério como ato de pouca consequência?
- Considerando os subsídios apresentados nos textos bíblicos, quais as normas que, segundo o grupo, orientariam a disciplina eclesial de uma igreja local? Seria conveniente condenar publicamente todos aqueles que se desviam das normas? Seria melhor "fazer vista grossa", fazendo de conta que nada aconteceu? Seria melhor não

criar problemas? Como seguir o exemplo de Jesus e adotar uma postura de aceitação e não-condenação e ao mesmo tempo levar a sério o testemunho da comunidade de fé?

